Curso de Teologia da Unicap | PPGTEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA UNICAP | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

A COMUNHÃO ECLESIAL E EUCARÍSTICA

Rafael Vieira da Silva do Rosário[1]

Resumo

A comunhão eclesial e eucarística são lados de uma mesma e única moeda. Através das cartas paulinas e da Tradição dos Padres da Igreja lemos a fé na presença verdadeira e real de Cristo na Igreja unida em comunhão, esta só é possível pela presença real de Jesus na Eucaristia que sustenta esta unidade eclesial. Nos textos eucológicos da missa bem como em uma vasta documentação da Igreja lê-se o apelo insistente de que o Senhor nos una num só corpo. Esta reflexão tem por objetivo expor a importância da unidade do corpo eclesial para a existência de uma verdadeira comunhão eucarística.

Palavras-chave: Comunhão. Unidade. Eucaristia. Igreja.

INTRODUÇÃO

Um dos maiores dons deixados por Jesus é a Eucaristia, o coração pulsante e vitalizante de seu corpo místico, a Igreja. Naquela ceia derradeira, Cristo instituiu o sacramento de seu próprio corpo para que todos os homens e mulheres da terra, de todas as épocas e lugares, pudessem participar do seu sacrifício de amor por todos (1Cor 11,23-26). Sua entrega redentora se presentifica cada vez que a assembleia dos batizados se reúne num só coração e numa só alma fazendo memória de seu amor salvador, nos unindo a Ele e nos fazendo participantes de sua vida.

Este trabalho pretende explicitar a importância e a visceral união entre a comunhão eclesial e a comunhão eucarística, compreendendo que a unidade do corpo místico de Cristo é necessária para que haja comunhão com seu corpo sacramental. Para tal, a estrutura deste texto está

[1] Aluno do 4° período de graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. Contato eletrônico: rafael.vdsdr@gmail.com.

desenvolvida em três tópicos, o primeiro trata da presença real de Jesus na Eucaristia, o segundo da presença real de Jesus na Igreja e, por fim, a relação íntima entre a comunhão eucarística e a unidade eclesial.

1 A PRESENÇA REAL DE JESUS NA EUCARISTIA

De tantos modos que Jesus se faz presente no meio de seu povo, desejou ardentemente a Eucaristia (Lc 22,15) para nos fazer companhia na jornada rumo ao Pai. A última ceia de Jesus é narrada pelos quatro evangelistas (Mt 26,17-30;Mc 14,12-26; Lc 22,7-39;Jo 13-17) e segundo estes mesmos relatos, é nas vésperas de sua Paixão que Jesus ceou com seus amigos e instituiu o memorial de seu amor redentor. "Isto é o meu corpo" (Mt 26,26;Mc 14,22;Lc 22,19), assim garantiu o próprio Jesus sua presença amorosa na Eucaristia, e para que todos os homens e mulheres, de todos os tempos e de todas raças e culturas participassem de sua páscoa, ordena: "fazei isto em memória de mim" (Lc 22,19). É missão da Igreja fazer presente o memorial vivo e atuante do irrepetível mistério pascal de Cristo (1Cor 11,23-26).

No discurso do pão do céu da narrativa joanina Jesus declara: "minha carne é verdadeira comida, e meu sangue é verdadeira bebida [...] o que comer de mim, viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu" (Jo 6,55.58a). Em João já temos, as bases da fé da Igreja na presença real de Jesus na Eucaristia. A esta presença, a fé da Igreja chamou de substancial por ali estar o Cristo completo, seu corpo ressuscitado, sua alma, sua divindade e humanidade. Não um mero sinal, mas a presença ativa do Cristo todo (MYSTERIUM FIDEI, n. 41). Esta fé é visivelmente celebrada pelos gestos e ritos que apontam o culto de latria à Eucaristia, em sua presença fazemos reverência e nos ajoelhamos, a ela cantamos e fazemos procissões, a ela adoramos com louvores e incensos.

Só é possível falar da presença real de Jesus na Eucaristia se levarmos em conta o caráter pneumático da transubstanciação. A assembleia dos batizados unidos ao sacerdote pede a Deus que derrame seu Espírito sobre

as oferendas, para que a substância do pão e do vinho se mude no Corpo de Cristo:

> Por isso, nós vos suplicamos: santificai pelo Espírito Santo as oferendas que vos apresentamos para serem consagradas, a fim de que se tornem o Corpo e o Sangue de Jesus, vosso Filho e Senhor nosso, que nos mandou celebrar este mistério (MISSAL ROMANO, 2018, p. 482).

Interessante notar a importância do Espírito Santo na transubstanciação, já que Ele é o Artífice dos sacramentos, e é através de sua ação santificadora que podemos participar da vida do Ressuscitado. No Espírito Santo, os sacramentos encontram sua força (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2017, p. 308). O Catecismo da Igreja, citando são João Crisóstomo, mostra a fé dos Padres da Igreja na transubstanciação:

> Não é o homem que faz com que as coisas oferecidas se tomem corpo e sangue de Cristo, mas o próprio Cristo, que foi crucificado por nós. O sacerdote, figura de Cristo, pronuncia estas palavras, mas a sua eficácia e a graça são de Deus. Isto é o Meu corpo, diz ele. Esta palavra transforma as coisas oferecidas (JOÃO CRISÓSTOMO, 380 apud CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2017, p. 380).

Em síntese, a presença de Jesus na Eucaristia é verdadeira, real, substancial e permanente: verdadeira porque é alicerçada nas palavras do próprio Cristo em sua doação amorosa; real porque não há diferença entre o Jesus histórico, o Cristo da fé e o Cristo eucarístico; é substancial porque contém a pessoa do Cristo de modo diferente dos demais sacramentos, pois a Eucaristia identifica de forma sacramental as espécies do pão e do vinho com a pessoa do Cristo Ressurreto; é permanente sua presença pela fidelidade definitiva de Deus para com seu povo. Uma vez consagradas as espécies, permanecem consagradas (BOROBIO, 2009, p. 270).

A presença de Cristo na Eucaristia é uma atitude de liberdade e gratuidade de seu amor por nós, pois ninguém toma nada d'Ele, é Ele quem dá livremente (Jo 10,18). Sua presença nos sacramentos, na Igreja e especialmente na Eucaristia, é cumprimento de sua promessa: "eis que estou

convosco todos os dias, até o fim dos tempos" (Mt 28,20b). Sua presença eucaristizada não tem outra finalidade senão congregar o novo povo de Deus em um só corpo, a Igreja (1Cor 12,27). A Eucaristia, de certo modo, nos transforma em Cristo, para participarmos de sua vida gloriosa, pois "se com ele morremos, também com ele viveremos" (2Tm 2,11). Ele se faz presente nos dons sagrados para se fazer presença em nós (BOROBIO, 2009, p.271).

2 A PRESENÇA REAL DE JESUS NA IGREJA

Além da Eucaristia, Jesus também se faz presente em sua Igreja reunida para celebrar os mistérios de sua vida e obra redentora, para a salvação de todos. É Ele mesmo quem preside os sacramentos por meio de seus ministros, é Ele quem nos fala na liturgia da palavra, é Ele ainda quem congrega a assembleia dos batizados em seu Corpo, pois, onde dois ou mais estiverem reunidos em seu nome, Ele ali está (Mt 18,20). Jesus se faz presente na liturgia celebrada por seu povo (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2017. p.307,372).

Encontramos com abundância na tradição paulina as bases da eclesiologia. É precisamente da pena de Paulo que compreendemos que nós somos o corpo de Cristo (1Cor 12,27), mesmo sendo muitos, formando este único corpo que é a Igreja (Rm 12,5), tendo por cabeça o próprio Cristo (Ef 4,1-16).

Só quando a comunidade dos batizados está reunida em comunhão é que a presença do Cristo se manifesta em sua Igreja, pois "a Eucaristia é em primeiro lugar a própria ceia, isto é, a comunhão das pessoas ali reunidas. A comunidade cristã, reunida como assembleia litúrgica, é o primeiro sacramento eucarístico" (CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, 2019, p.17). É no mistério do Senhor e de sua Igreja, numa relação esponsal onde o Esposo se doa por completo à sua esposa, e em resposta, a esposa vai ao encontro do seu Amado (Ct 2,16;6,3). Nesta doação amorosa do Esposo e da esposa, de Cristo e da Igreja, eles se tornam uma só carne (Mc 10,7-8). Interessante notar o testemunho paulino desta relação conjugal:

> Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo também amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de santificar pela palavra aquela que ele purifica pelo banho da água. Pois ele quis apresentá-la a si mesmo toda bela, sem mancha e nem ruga ou qualquer reparo, mas santa e sem defeito [...], e nós somos membros do seu corpo [...]. Este mistério é grande - eu digo isto com referência a Cristo e a Igreja (Ef 5,25-27.30.32).

Na eucologia das celebrações litúrgicas, a presença do Cristo na Igreja é explicitada de forma clara. Na Oração Eucarística, por exemplo, no Prefácio o celebrante deseja que o Senhor esteja com a assembleia litúrgica, esta responde que Ele já se faz presente no meio dela. Ainda nesta tomada de consciência do corpo místico de Cristo, o sacerdote convida que esta mesma assembleia eleve seus corações ao alto, ao passo que, o povo congregado responde não no plural, mas no singular: "O nosso coração está em Deus" (MISSAL ROMANO, 2018, p.405). Não mais muitos corações, mas um único coração, um único desejo, um único corpo e uma única voz para proclamar a santidade de Deus. "Nisso se manifesta o milagre, a eficácia e o poder transformador da Eucaristia em nossas vidas: em transformar-nos naquilo que comungamos – o corpo de Cristo" (CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, 2019, p.105).

3 A RELAÇÃO ÍNTIMA ENTRE A COMUNHÃO EUCARÍSTICA E A UNIDADE ECLESIAL

Na ceia derradeira Jesus orou sobre os seus e suplicou ao Pai: "que eles sejam um" (Jo 17,11b); ainda hoje esta é a oração que Jesus dirige ao Pai através de sua Igreja e por sua Igreja. A unidade eclesial é pressuposto necessário para a vida da Igreja, pois, "todo reino dividido ficará em ruínas, e toda cidade ou casa dividida não se manterá" (Mt 12,25). Nas primeiras comunidades lemos que eles tinham um só coração e uma só alma, possuindo tudo em comum (At 4,32). Paulo adverte a comunidade de Éfeso a se esforçarem em manter a unidade (Ef 4,3) como também aos filipenses (Fl 2,1-2). Este é o desejo de Deus, que vivamos unidos em vida fraterna, isso muito lhe agrada e é fonte de bênção (Sl 133,1-3).

Viver esta unidade é se abrir para o outro, é ter em comum as dores e

alegrias, é compartilhar sonhos e projetos, é reverenciar no outro a imagem do Deus vivo, em outras palavras, é viver em comunhão ou fazer Eucaristia. No Novo Testamento, encontramos uma abundância de relatos sobre a punição daqueles que abandonavam ou perturbavam a unidade/comunhão entre os membros da comunidade cristã, punições essas que tinham por objetivo educar os infratores e proteger os demais. No caso incestuoso da comunidade de Corinto, Paulo ordena para o bem da comunidade que seja afastado daquela comunidade o incestuoso (1Cor 5,1-5.13), e anatematiza, expulsa/excomunga, todo aquele que não ama a Jesus (1Cor 16,22) ou que ensinar um evangelho que não seja o de Cristo (Gl 1,8-9). Paulo ainda fala daquele que insistindo no erro, mesmo depois de advertido pela Igreja, também deve ser deixado separado da comunidade (Tt 3,10-11). Todas essas situações ilustram a necessidade da comunhão de fé na vida eclesial para que a comunidade pudesse celebrar sua Eucaristia. A Eucaristia é essencialmente comunitária, é a festa do corpo eclesial, é a ceia dos batizados em torno da mesa do seu Senhor. Por isso, podemos afirmar que: "Não há verdadeira comunhão eucarística sem comunhão eclesial" (CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, 2019, p.19).

A comunhão eclesial se dá de modo invisível e visível. Na realidade invisível esta comunhão se manifesta na comunhão de cada pessoa com o Pai, no Filho na força do Espírito Santo e na comunhão de cada um com o próximo. Na realidade visível, a comunhão eclesial se manifesta no mistério da própria Igreja, na doutrina dos Apóstolos, nos sacramentos, na hierarquia da Igreja. Pelo Batismo somos incorporados nesta comunhão eclesial, tendo como centro e fonte a Eucaristia que sustenta e dá forças aos membros de Cristo para que sejam seu corpo (CARTA AOS BISPOS DA IGREJA CATÓLICA SOBRE ALGUNS ASPECTOS DA IGREJA ENTENDIDA COMO COMUNHÃO, 1992, n.4-5).

O episcopado e a Eucaristia estão intimamente ligados, de tal forma que, sem comunhão com o bispo (cabeça da Igreja local), e com o Papa (cabeça da Igreja universal), não há comunhão Eucarística (CARTA AOS BISPOS DA IGREJA CATÓLICA SOBRE ALGUNS ASPECTOS DA IGREJA

ENTENDIDA COMO COMUNHÃO, 1992, n.13-14). Sobre isto também atestou Santo Inácio de Antioquia já no séc. I à comunidade de Esmirna:

> Sigam todos ao bispo, como Jesus Cristo ao Pai; sigam ao presbitério como aos apóstolos. Acatem os diáconos, como à lei de Deus. Ninguém faça sem o bispo coisa alguma que diga respeito à Igreja. **Por legítima seja tida tão-somente a Eucaristia, feita sob a presidência do bispo ou por delegado seu**. Onde quer que se apresente o bispo, ali também esteja a comunidade, assim como a presença de Cristo Jesus também nos assegura a presença da Igreja católica. **Sem o bispo, não é permitido nem batizar nem celebrar o ágape**. Tudo porém o que ele aprovar será também agradável a Deus, para que tudo quanto se fizer seja seguro e legítimo (INÁCIO, 1970, p. 81, grifo nosso).

E à comunidade de Filadélfia:

> Sede solícitos em tomar parte **numa só Eucaristia**, porquanto uma é a carne de Nosso Senhor Jesus Cristo, um o cálice para a união com Seu sangue; **um o altar, assim como também um é o Bispo**, junto com seu presbitério e diáconos, aliás meus colegas de serviço. E isso, para fazerdes segundo Deus o que fizerdes (INÁCIO, 1970, p. 72, grifo nosso).

Deus não pode habitar onde há desunião, discórdias rixas e intrigas, é nesta perspectiva que o próprio Jesus nos diz que se estivermos a caminho do altar e lembrarmos que meu irmão tem algo contra mim, devo antes reconciliar-me com ele para participar da festa dos filhos (Mt 5,23-24).

Numa leitura atual, o individualismo exacerbado penetrou a Igreja e continua gerando muitos males à comunhão eclesial, a noção de corpo eclesial e místico foi sendo esquecida na história, o devocionismo particular foi minando o caráter comunitário da Eucaristia. Grupos intitulados de tradicionalistas causam cisão nas comunidades e promovem o desrespeito aos bispos e ao Santo Padre em nome de uma falsa ortodoxia da fé baseada num saudosismo débil embriagado de pura exterioridade, incentivando a muitos a tomarem parte da missão diabólica de dividir o rebanho do Senhor. Ainda hoje, se faz necessário ouvir as palavras de São Clemente à comunidade de Corinto:

> Para que haver brigas, ódios, disputas, divisões e guerras entre vós? Não temos nós um só Deus, um só Cristo, um só Espírito de graça, que foi derramado sobre nós, e uma só vocação em Cristo? Por que esquartejamos e rasgamos os membros de Cristo? Por que nos revoltamos contra o nosso próprio corpo, chegando a tal ponto de loucura? Esquecemo-nos de que somos membros uns dos outros? Lembrai-vos das palavras de Jesus, o Senhor nosso. Com efeito, ele disse: 'Ai desse homem! Melhor seria para ele não ter nascido, do que escandalizar um só dos meus eleitos! Melhor seria para ele que lhe fosse amarrada uma pedra de moinho e o atirassem ao fundo do mar, do que perverter um só dos meus eleitos!' Vossa divisão perverteu a muitos, desencorajou a muitos, fez com que muitos duvidassem, e nos entristeceu a todos. E vossas dissensões continuam (CLEMENTE, 1995, p. 56-57).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Urge em nossos dias esta tomada de consciência que nos impele a reconhecer as variadas formas que Cristo se faz presente em nossa vida. Para tal, é fundamental retornar às fontes da teologia apostólica, voltando nosso olhar com bastante atenção para o estilo de vida das primeiras comunidades cristãs. É preciso revisitar a eclesiologia paulina e dos Santos Padres da Igreja, para redescobrirmos a nossa identidade enquanto corpo de Cristo.

Diante deste mistério de amor abissal que é a Eucaristia, se faz necessário um sincero exame de consciência da comunidade cristã sobre como ela tem vivido a unidade, para que o corpo (a Igreja) jamais tente andar sem sua Cabeça (o Cristo), pois isso seria uma aberração. De igual modo, este mistério de Cristo e de seu corpo se manifesta na relação do bispo e sua Igreja. Cabe às lideranças de nossas comunidades e de todos os batizados recordar que a Eucaristia vai além do ato de comungar as espécies sagradas, pois até as traças comem hóstias, e de fomentar a unidade eclesial para que a Eucaristia se realize plenamente na Igreja, e só assim realizaremos o sonho de nosso Mestre, "que eles sejam um" (Jo 17,11b).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Tradução: CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BOROBIO, Dionisio. *Celebrar para viver*: liturgia e sacramentos da Igreja. Tradução de Francisco Gomes Figueiredo de Moraes. São Paulo: Loyola, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 19. ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Loyola, 2017.

CLEMENTE I, Papa. *Padres apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão*. La Santa Sede, Roma, 28, maio de 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_communionis-notio_po.html. Acesso em: 27, de set. 2022.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Missal romano*. 12 ed. São Paulo: Paulus, 2018.

CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL 18, 2020, Recife. *Anais* [...]. Recife: Paulus, 2019.

INÁCIO. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*: comunidades eclesiais em formação. Petrópolis: Vozes, 1970.

PAULO VI, Papa. *Mysterium fidei*: carta encíclica sobre o culto da Sagrada Eucaristia. La Santa Sede, Roma, 03, de set. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_03091965_mysterium.html. Acesso em: 27, de set. 2022.